

Micaela Ramon

Universidade do Minho

CEHUM – ILCH

PhD, Professora Auxiliar

micaelar@ilch.uminho.pt

**BOCAGE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA.
DE ENTIDADE HISTÓRICA A FIGURA DA FICÇÃO**

Resumo: Produzida por aquele que é considerado o maior poeta do século XVIII português, a obra de Bocage tem motivado, ao longo dos tempos, um incessante diálogo com comentadores, exegetas, críticos e outros escritores não apenas do espaço lusófono, mas também de outras geografias linguístico-literárias. Através deste diálogo se vem desenhando o “ciclo vital do poeta-enquanto-poeta” (Bloom, 1991) que garante a perenidade da figura de Bocage a qual, por meio das mais diversas projeções, apropriações, transfigurações, desfigurações ou recriações da sua obra, assegura um lugar no cânone cuja centralidade pode ser medida pela influência que exerce sobre a sensibilidade ética e estética de gerações sucessivas.

Neste texto faz-se uma leitura crítica da obra dramática contemporânea – *Bocage*, de Romeu Correia – a qual elege o poeta sadino como figura central do seu enredo. Procurar-se pôr em evidência o modo como a entidade histórica assume contornos de personagem de ficção, contribuindo assim para a criação do “mito bocagiano”.

Palavras-chave: Bocage; literatura contemporânea; intertextualidade; cânone; ficção.

Микаэла Рамон

Университет Минью

CEHUM – ILCH

PhD, доцент

micaelar@ilch.uminho.pt

**БОКАЖИ В СОВРЕМЕННОЙ ЛИТЕРАТУРЕ.
ОТ ИСТОРИЧЕСКОЙ ЛИЧНОСТИ ДО ХУДОЖЕСТВЕННОГО ОБРАЗА**

Аннотация: Произведения Бокажи, признанного крупнейшим португальским поэтом XVIII века, на протяжении всего времени побуждали к нескончаемому диалогу комментаторов, толкователей, критиков и писателей не только португалоязычного пространства, но и других литературно-лингвистических географий. Через этот диалог вырисовывается «жизненный цикл поэта-пока-поэта» (Bloom, 1991), гарантирующий вечность образа Бокажи через проекции, апроприации, превращения, дефигурации или пересоздания его произведений, обеспечивая поэту место в каноне, центральность которого может быть измерена влиянием, которое оно оказывает на этическую и эстетическую чувствительность последующих поколений.

В работе дано критическое прочтение современного драматического произведения Ромеу Куррей «Бокаж», центральным героем завязки которого был

избран поэт Сетубала. Была сделана попытка показать очевидность того, как историческая личность принимает формы художественного образа, способствуя таким образом созданию «мифа Бокажи».

Ключевые слова: Бокажи, современная литература, интертекстуальность, канон, драматический текст.

Рецензент: к.ф.н., ст. преподаватель СПбГУ М.М. Мазняк.

УДК: 821.134.3

«Os clássicos são livros que exercem uma influência especial, tanto quando se impõem como inesquecíveis, como quando se ocultam nas pregas da memória mimetizando-se de inconsciente coletivo ou individual»

(Italo Calvino, *Porquê Ler os Clássicos?*)

1. Quando Italo Calvino, na sua célebre proposta de justificação da importância de ler os clássicos – as obras e os seus autores –, fez a asserção que serve de epígrafe a este texto, não estaria certamente a pensar em Bocage, autor de que provavelmente não teria notícia. Porém, quem quer que conheça o poeta sadino facilmente associará tal definição à memória literária que tenha da sua vasta obra.

De facto, não só a obra de Bocage tem motivado, ao longo dos tempos, um incessante diálogo com comentadores, exegetas, críticos e criadores oriundos de diversos quadrantes artísticos, como a própria figura do poeta, enquanto entidade histórica, tem sido alvo das mais diversas apropriações, transfigurações, desfigurações ou recriações, tanto por parte de académicos e eruditos que o elegem como objeto de estudo, como também pelo cidadão comum que o mantém vivo na memória coletiva.

Bocage é, sem dúvida, o mais importante poeta português do século XVIII e ainda que os processos contínuos de encurtamento da presença de textos não contemporâneos tenha afastado a sua poesia dos programas oficiais de literatura do ensino básico e secundário, tal não tem sido felizmente suficiente para esbater a sua memória. Muito pelo contrário, Bocage é um autor verdadeiramente popular, no sentido em que faz parte do património cultural português, assumindo foros de figura mítica.

O seu lugar no cânone da literatura de língua portuguesa está, pois, assegurado o que se torna particularmente visível através do fluxo contínuo e fecundante que a sua obra e a sua figura mantêm com gerações sucessivas de criadores que nelas se inspiram. Tal fluxo criativo

dá conta da existência de um “ciclo vital do poeta-enquanto-poeta” (Bloom, 1991: 19), na formulação de Harold Bloom, através do qual a importância de Bocage se impõe na memória civilizacional que molda a sensibilidade ética e estética de gerações sucessivas, medindo-se o seu vigor pela influência que continua a exercer na produção artística contemporânea.

2. A imagem de Bocage que tem vindo a ser construída e que é comumente partilhada apresenta-se multimoda e plurifacetada. Tal pluralidade não decorre apenas da necessidade de dar conta da diversidade das experiências vivenciais que o poeta acumulou no decurso da sua curta, mas intensa, vida; tão pouco é estimulada só pela variedade das formas e dos géneros literários que cultivou. Ela é o espelho das facetas contraditórias que lhe são atribuídas e que oscilam entre o génio literário capaz das mais sublimes criações e o boémio irrecuperável a quem se atribui um anedotário satírico quando não obscuro.

Essas imagens do poeta têm vindo a ser construídas a partir de contributos tanto do conhecimento científico como da *vox populi*. Ou seja, para a construção de uma representação biográfica do tipo da que Bocage tem sido objeto são tidos em conta elementos de natureza histórica e factual, mas também especulações partilhadas pelo senso comum, propenso à criação de “verdades” baseadas em abordagens emocionais, interpretativas e empiricamente construídas que se reproduzem de forma espontânea graças à repetição que delas é feita junto do chamado grande público que tende a distorcê-las e a aumentá-las.

Pode assim afirmar-se que em relação a Bocage (como aliás acontece com outros grandes nomes das letras portuguesas de que é exemplo máximo Camões, poeta com o qual o próprio Bocage se mede em exercício de comparação emulatória) se cria uma ambiguidade que tende a confundir a pessoa civil, com existência histórica, que o poeta sadino foi, com a entidade poética que ele constitui. Para esta modalidade de representação são tão relevantes os documentos arquivísticos como a apropriação de elementos da própria obra literária ou ainda a incorporação de informações provenientes da(s) narrativa(s) construída(s) em torno do autor.

Estas narrativas, iniciadas ainda em pleno século XVIII, tendem a acentuar a ideia de que a vida do poeta foi rica em peripécias, efetivamente ocorridas ou fantasiadas ao jeito novelesco. Vão-se assim acumulando materiais que deixam de ser submetidos ao crivo crítico e passam a ser repetidos por via oral ou escrita, de acordo com os mecanismos de transmissão típicos do senso comum.

Evidentemente, uma abordagem deste tipo acarreta consequências muito díspares. Assim, se por um lado este discurso incessante sobre Bocage (partilhado pela comunidade

científica e artística e pela voz do povo) garante a sua pervivência na memória cultural coletiva, por outro tende a distorcer os factos da sua vida e da sua obra, podendo conduzir à subestimação da própria dimensão literária do autor, caindo na falácia do anedotário e da caricatura fácil.

3. Ao longo dos tempos, a pessoa de Bocage tem-se prestado a assumir o papel de personagem de ficção em inúmeras obras enquadráveis nos mais diversos géneros, desde a lírica, à narrativa ficcional, à biografia ou aos textos dramáticos. Muitas destas produções surgiram espoletadas por motivos circunstanciais como as comemorações das datas associadas ao nascimento ou à morte do poeta.

No primeiro centenário do seu nascimento, comemorado em Setúbal e “localmente bastante concorrido”, foi amplamente exaltado “o seu talento poético e a sua filosofia de vida alternativa” (Pires, 2015: 291); quatro décadas mais tarde, aquando da celebração da passagem dos primeiros cem anos sobre a sua morte, os partidários da República apropriaram-se da figura de Bocage para lhe atribuírem o papel de porta-estandarte da sua causa, ou seja, o derrube da monarquia. Os organizadores destas comemorações, imbuídos de uma noção romântica do tempo e da história como reconstituição seletiva do passado em função dos interesses do presente, foram talvez pioneiros num processo de mitificação institucionalizada da figura de Bocage, erigindo-o em verdadeiro herói.

É sabido como o Romantismo construiu e disseminou a imagem do artista/poeta como um ser dotado de talento criativo, mas vítima de ingratidão; como um catalisador dos valores coletivos nos quais assenta a consciência nacional e ao mesmo tempo como um desvalido da sorte a cujo talento artístico e intelectual se contrapõem a decadência material.

Bocage que, como escreve Daniel Pires, “conhecera os cárceres da monarquia, satirizara uma parte do clero, vivera ombro a ombro com o povo, frequentara a boémia dos cafês, ridicularizara a nobreza parasitária, incensara os direitos humanos e a trilogia da Revolução Francesa, pusera em causa a hipocrisia social, compusera poemas de amor que rivalizavam com os de Camões, falecera na flor da idade: em suma, tinha todos os predicados para adquirir o estatuto de mito” (Pires, 2015: 291), reunia todas as condições para ser considerado um baluarte da simbologia que integra o património cultural nacional. A entidade histórica que Manuel Maria foi passa assim definitivamente a coabitar com a personagem mítica que continuamente se vê reinventada em múltiplas figuras de ficção.

4. No que ao género dramático diz respeito, são várias as obras dedicadas à figura de Bocage. Um inventário que não se pretende exaustivo permite rastrear uma meia dezena de títulos publicados, de entre os quais se destacam “Bocage”, de Romeu Correia, 1965; “Bocage, alma sem mundo”, de Luzia Maria Martins, 1967; “Bocage”, de José Sinde Filipe, 1974; “Bocage, Ele Mesmo!”, de Fernando Cardoso, 1999; ou “A Vida Tormentosa de Bocage”, de João Coelho dos Santos, 2010. A estas obras que conheceram versão impressa poder-se-iam juntar ainda outros títulos de produções teatrais que não foram dadas ao prelo como, por exemplo, “Bocage e as Ninfas”, de Fernando Gomes, levada à cena pelo Teatro de Animação de Setúbal, com estreia em 2005, ou o recentemente representado musical “Bocage, Inferno & Paraíso”, pela mesma companhia. Não cabendo neste contexto proceder a uma análise que as abranja a todas, faremos incidir as nossas reflexões sobre a peça de Romeu Correia, escrita aquando das comemorações do segundo centenário do nascimento do poeta e representada em estreia cinco anos depois, no Teatro Sá da Bandeira, pelo Grupo de Teatro do Instituto Comercial do Porto.

Esta peça, que o autor classifica como uma “crónica dramática e grotesca”, centra-se, como o título já indica, na figura do poeta sadino tomando-o por tema e personagem central do enredo que se desenvolve num prólogo seguido de duas partes, numa tripartição em que a cada uma das divisões correspondem dez cenas.

Ao longo das trinta cenas que perfazem a peça, o leitor/espectador assiste a uma reconstituição do percurso existencial do poeta, ao mesmo tempo que lhe é apresentada uma recriação da época em que lhe coube viver. A intenção do autor parece ser, assim, a de associar a imagem de Bocage ao seu contexto e às circunstâncias que o fizeram. Na verdade, em nota introdutória que antecede a listagem das figuras que entram em cena, Romeu Correia esclarece os potenciais destinatários de que não sendo “um trabalho rigorosamente histórico esta crónica que ides ler ou ver (quando possível) representada num palco”, o seu texto “é a crónica dramática e grotesca de uma época, centralizada na figura singular do poeta maldito que foi Bocage. Inconstante e volúvel como o momento histórico que testemunhou, o poeta, entrando na Lenda como um incorrigível trocista e desfrutador de prazeres, confunde-se com a agonia do próprio século, o XVIII, - e os anseios anónimos, a irreverência e o escárnio de um mundo novo que nasce...” (Correia, s.d.: 11).

O isomorfismo que desde início este paratexto introdutório estabelece entre a personalidade do poeta sadino e a época de transição entre o velho paradigma absolutista e os alvares das Luzes inspiradas na Revolução Francesa acentua a dualidade como condição *sine qua non* para se compreender a personagem histórica que o texto ajuda a mitificar.

O enredo inicia-se com a evocação de uma anedota supostamente protagonizada por um Bocage lendário, a qual é lembrada por uma personagem sem rosto, referida apenas como “uma voz”. Ou seja, a primeira representação do poeta que o texto propõe ao leitor/espectador é criada a partir de uma imagem de senso comum que o tempo e o carácter anónimo e coletivo dos seus autores ajudam a consolidar. Esta dimensão de anedotário que devolve ao leitor a figura de um Bocage brejeiro, popular, chocarreiro, trocista, *bom vivant* é retomada várias vezes ao longo da peça sendo sempre enunciada por personagens indiferenciadas, referidas não através de nomes próprios, mas antes de indicação de pertença social: “um pregoeiro”, “um popular”, “uma velha dama”.

A par desta faceta, outras projeções do poeta nos são dadas: a do mulherengo abandonado pela sorte, figura popular que o destino amaldiçoou; mas também a do génio literário, capaz de improvisos assombrosos e autor de magníficos versos líricos e de intervenção que o fazem invejado por confrades pouco dotados, acoitados no convencionalismo do *satus quo* representado pelo Arcadismo que Elmano ridiculariza, ao mesmo tempo que é admirado por outros poetas capazes de reconhecer o seu talento e sobretudo pelo povo, essa massa anónima de que fazem parte tanto os elementos mais humildes da sociedade como os frades oratorianos do Real Hospício das Necessidades que o acolhem e acarinham. Um destes frades – o Hortelão – profere uma frase que funciona como uma síntese que espelha bem o carácter poliédrico da personalidade de Bocage que o texto de Romeu Correia ajuda a projetar: “Sois o homem de quem toda a gente fala. Um iluminado por Deus, mas a quem o Diabo tem metido nos mais terríveis e infernais trabalhos... (...) Sois então o poeta Bocage” (Correia, s.d.: 114).

No final da peça, no qual se encena a morte de Bocage, é o mesmo povo que, de forma simbólica, se apropria do poeta, num ritual de canibalização em que o cadáver é repartido pela “avalanche humana” que ocorre para velar o morto: “Súbito, mil mãos caem sobre o leito, rasgam o lençol e trucidam o morto, dividindo-o entre si, como relíquia. Este com um pé, aquele com um braço, aqueloutro com a cabeça, etc., e sumem-se, felizes, no horizonte” (Correia, s.d.: 159/160).

Esta cena final da divisão dos despojos do corpo sem vida de Bocage por entre os populares, dada a sua dimensão marcadamente alegórica, não pode deixar de evocar a intenção de elevar o poeta a um estatuto mítico, quase sagrado. Essa intenção fora já antecipada numa outra cena da peça em que se representa o quotidiano do poeta no convento dos oratorianos. Nesse passo, Bocage é equiparado à figura do próprio Cristo que se liberta da lei da morte através da Ressurreição. Tal como Jesus, que desaparece do sepulcro para

espanto dos guardas romanos e dos discípulos, também o poeta sadino, venerado pelos frades, se lhes afigura como um ser dotado de poderes sobrenaturais, cujo talento lhes causa espanto e os faz duvidar da possibilidade da sua presença real entre eles:

“(Terminado o improviso, os ouvintes estão estupefactos. Depois, sucumbidos pela emoção, erguem-se, e cercam o poeta, que sorri. Súbito, abrem-se em leque – e dão pela falta do poeta. Espanto!) / 1º Frade: Desapareceu! / 2º Frade: Evaporou-se!... / 3º Frade: Mas estava no meio de nós?! / (E o pobre frade, ingénuo, espreita a manga do hábito)” (Correia, s.d.: 117).

O enredo da peça de Romeu Correia dá a conhecer os momentos mais marcantes e significativos da vida do poeta sadino, numa sucessão que permite ao leitor/espectador reconstituir a cronologia da sua existência atribulada. Na peça, há cenas em que se representa a viagem à Índia; o balão de Lunardi; a boémia; o café *Nicola*; a tertúlia; a censura; a prisão; a reeducação no mosteiro; as relações de amizade com o Morgado de Assentis, com Francisco Bingre, com Tomás dos Santos Silva, com José Pedro da Silva, com os frades; mas também as desavenças com Pina Manique ou com José Agostinho de Macedo; ou as relações familiares, sobretudo com a irmã Maria Francisca. O dramaturgo propõe assim um trajeto que acompanha as ascensões e quedas do poeta, com a clara preocupação de dar ênfase aos factos históricos que melhor possam servir à construção da personagem de ficção cuja mitificação a peça quer promover.

Torna-se clara a intenção do autor de corrigir a memória que o senso comum tende a projetar de Bocage, afastando-o do estereótipo de devasso e enaltecendo a faceta de grande poeta. Na economia da peça, a personagem a quem cabe tal tarefa é José Pedro da Silva, o dedicado empregado do *Nicola*. Na primeira cena da peça, é ele quem se insurge contra um cego que propaga as anedotas supostamente de autoria bocagiana, dizendo: “Não dêem ouvidos! É falso! Tudo o que dizem do sr. Manuel Maria são mentiras! As anedotas, as indecências... são quase todas inventadas!...” (Correia, s.d.: 20). No final, é também ele quem, num paralelo de sinal contrário com a cena inicial, anda a apregoar folhetos impressos com a poesia de Bocage, enaltecendo a sua qualidade literária: “Para o grande poeta Bocage! Ajudem o grande Bocage! (...) Socorram Bocage! Bocage está muito mal!... Os últimos versos do grande poeta Bocage!...” (Correia, s.d.: 154/155).

A inclusão de poemas de Bocage ao longo da peça é, aliás, uma constante. O objetivo com que tais materiais literários são incluídos é passível de ser interpretado a dois níveis

distintos, mas complementares. Por um lado, eles mostram claramente que o dramaturgo assume de forma explícita a importância da poesia do autor do Sado para a escrita da sua própria obra. Assumindo e promovendo essas relações de intertextualidade explícita, não só contribui para a canonização da figura literária do poeta, mantendo vivo o seu “círculo vital de poeta-enquanto-poeta”, como também desenvolve uma estratégia de autopromoção reclamando para a sua própria obra uma qualidade que se vê garantida pela presença desses materiais alheios.

Por outro lado, esses mesmos textos bocagianos inseridos na peça de Romeu Correia exercem uma importante função metatextual na medida em que fornecem argumentos literários que tendem a corroborar os factos históricos que se pretende dar a conhecer. Ou seja, a personalidade histórica que Bocage foi e o sujeito de papel que os seus versos projetam fundem-se ambos na personagem de ficção que a peça de Correia constrói.

5. Texto de circunstância, escrito, como já se disse, com o propósito de se associar às comemorações do segundo centenário do nascimento de Bocage, esta peça de Romeu Correia constitui um interessante testemunho do processo de canonização/mitificação de que a obra e a pessoa de Bocage têm sido objeto.

Combinando informações históricas factuais com os poemas do próprio poeta, esta peça afirma-se não só como uma biografia teatralizada mas também como uma valiosa reconstituição de época, levando para dentro do palco todo um país profundamente abalado pelo conflito entre a aventura da razão humana e os resquícios de uma aristocracia de *ancien regime*.

Percebe-se a preocupação do dramaturgo em corrigir falsas representações de Bocage que o senso comum vai ajudando a propagar, amparando-se no respeito pela verdade ou, pelo menos, pela verosimilhança histórica. Porém, tal preocupação não oblitera o desejo maior de contribuir para a glorificação do poeta, moldando o devir histórico ao sabor dos imperativos da construção de uma personagem de ficção em que assenta o mito bocagiano.

Com esta homenagem a Bocage e à sua obra, Romeu Correia deu um importante contributo para assegurar que o “ciclo vital do poeta-enquanto-poeta” continua a desenhar a sua trajetória, prolongando o efeito fecundante da sua escrita literária que incessantemente motiva novas criações artísticas.

Bibliografia

1. *Bloom, Harold*. O cânone ocidental. Os livros e a escola das idades. Lisboa: Temas & Debates, 1997.
2. *Calvino, Italo*. Porquê Ler os Clássicos?. Lisboa: Teorema, 1991.
3. *Correia, Romeu*. *Bocage*. Lisboa: Ulisseia, s.d.
4. *Pires, Daniel*. *Bocage: a Imagem e o Verbo*. Lisboa: IN-CM, 2015.